

‘Jeitinho’ também é colocado em xeque

Protestos que levam milhões às ruas contra a institucionalização da corrupção também devem abrir caminho para cada cidadão rever sua postura ética

NÉLSON GONÇALVES

Ele está ao nosso redor a todo instante. Por vezes, seduz e atormenta. Silenciosa ou escandalosa, rende milhões ou migalhas, contudo, sob qualquer formato ou pretexto, parece estar em nossa formação sociocultural. Trata-se da corrupção. Desde a grande, da operação Lava Jato, à pequena, de nosso cotidiano, que flerta com o tradicional “jeitinho brasileiro”.

No meio do furacão da crise política e institucional que alimenta reações, pergunta-se: de que forma o espírito de cidadania e a reação contra a corrupção institucionalizada nos poderes da República nos toca a olhar para o espelho de nossos próprios comportamentos reprováveis?

Ou, enfim, somos de fato hipócritas e admitimos que o “pecadinho” não dói? A despeito da tese de que “jeitinho brasileiro” integra o DNA de formação enquanto povo, para estudiosos de diferentes ciências do comportamento humano, da sociologia à psicologia, a convulsão social contra a corrupção pode ser o momento mais apropriado para a análise, autocrítica, de cada um a respeito de como anda nossa ética no dia a dia.

É o que sugere o profes-

É O MOMENTO

Pequenos favores e malandragens devem ser postos à mesa para reflexão da multidão social

sor de sociologia da Universidade do Sagrado Coração (USC) Bruno Vicente Lippe Pasquarelli. Doutor em ciência política pela UFSCar, o docente vê na ação nas ruas oportunidade para que cada um desvende sua própria autocrítica.

“É uma ótima ponte para analisarmos nossos comportamentos mais comuns, da fila do cinema à ocupação da vaga do idoso no supermercado. A corrupção como fenômeno histórico é endêmica e, por isso, está em todos os setores, classes sociais e modos de comportamento. Não admitir a teoria do “jeitinho” como de nosso DNA na formação da sociedade é ignorar os fatos”, comenta.

Assim, Bruno Vicente aponta para todas as lacunas sociais. “E este DNA de falta de conduta ética atinge da carteirada dos figurões ao fura fila, do estudante que cola na prova, ao favor institucional de ocasião

para os poucos que detém o poder econômico e contam com privilégios no acesso ao poder. Isso vem desde o período colonial. Mudam os atores no tempo, mas a concepção é a mesma em termos de eliminação dos pilares da ética”, acrescenta.

JOGO PERIGOSO

Também por esta razão, o professor de sociologia contribui que a preocupação não está somente na rejeição à corrupção no ambiente político demonstrada nas manifestações da sociedade, mas, neste momento, na aversão aos representantes do povo. E este é o jogo perigoso. “O País vive a crise de representação aguda. E o eleitorado aponta que quer ficar longe da política e dos políticos. E esse afastamento das pessoas em relação aos seus representantes não resolve a questão”, adverte.

Por isso, ele pondera: “não é contrassenso atacar a corrupção, mas é um ótimo momento ver se as palavras de ordem nas ruas condizem com nossas posturas como cidadão. De qualquer forma, aproveitar o olho do furacão para por o dedo em nossas feridas e não só nas dos agentes políticos é nosso principal desafio, independentemente do que acontecer em Brasília”.



Para o professor de sociologia Bruno Pasquarelli, “a sociedade tem a chance de aproveitar o olho do furacão para fazer autocrítica sobre a postura ética de cada um no cotidiano”

Na mesa do chope...

A consultora e especialista em gestão de pessoas Alexandra Fabri não esperava que o encontro de relaxamento entre colegas, após um dia de trabalho, fosse lhe render tanta frustração.

“Eu estava com um grupo de amigas em uma choperia da cidade e o garçom passou a reabastecer o chope na mesa deixando de marcar tudo o que trazia. Comentei com uma das amigas e observamos que não só ele, mas outros garçons ou faziam o mesmo ou estavam vendo o que estava acontecendo. Na segunda vez que ele retomou, o grupo decidiu ir embora e pediu para que fosse cobrado o que foi consumido”, conta. A conduta do funcionário foi além da agressão ética às clientes. “Nós

fomos lá para relaxar, conversar entre amigas após um tenso dia de trabalho. E acabamos chateadas e fomos embora tristes”, aborda. Fabri conta que o proprietário do local não estava presente na hora do acontecimento. O contato para informar da ocorrência foi realizado posteriormente. “A postura das pessoas em seus fatos mais cotidianos não só determina as relações ela, mas constroem a sociedade que queremos. Não adianta ir às ruas e protestar contra a corrupção se você fura fila, estaciona em vaga rotativa sem usar cartão, engana, camufla, leva vantagem. Isso é um processo cultural que precisamos rever, cada um”, sugere a consultora.

‘Jeitinho brasileiro’ ou pequena corrupção?

É compreensível que dada a situação de miséria e da falta de oportunidades, o “jeitinho brasileiro” possa estar associado a uma forma de aquisição por vias indiretas de oportunidades que dificilmente seriam possíveis por vias diretas.

Então, a criatividade e a capacidade de adaptação tornam-se a regra de conduta básica e a única solução para a maioria das pessoas assegurarem até sua própria sobrevivência. Claro que este aspecto de perseverança e resistência atrelada à criatividade podem ser valorizados, uma vez que é isto que garante ao brasileiro a oportunidade de continuar lutando.

No entanto, quando esta conduta se liga a pequenos deslizes morais com desejo de se dar bem perante uma situação, em detrimento do outro, abre-se precedente para questionar a positividade e legalidade da ação. É neste sentido que o “jeitinho brasileiro” pode se tornar um vício de comportamento que abre precedentes para delitos cada vez maiores e que levam a crimes, inclusive de corrupção.

‘É preciso ter cuidado, compaixão e compromisso’

Para o psicoterapeuta Arnaldo Vicente, é preciso estar claro que ética é uma virtude caracterizada pela orientação dos atos pessoais, segundo os valores do bem e da decência pública. Ou seja, nossos atos pessoais revelam quais são os nossos valores.

“A cultura da falta de ética revela, em primeiro lugar, a existência de conflitos internos no indivíduo, revelando suas expectativas de receber bons tratos das outras pessoas, mas uma imaturidade ou egocentrismo quanto a desenvolver e praticar a sua capacidade de oferecer bons tratos aos outros na mesma proporção de suas expectativas”, argu-



O psicoterapeuta Arnaldo Vicente pontua que a cultura da falta de ética revela a existência de conflitos internos no indivíduo

menta Vicente.

E desta essência decorrem as posturas. “Eu ajudo ao outro quando sou ajudado pela minha atitude, posso deixar a vaga para o idoso

desde que eu não tenha que passar pelo prejuízo de não poder estacionar imediatamente o meu carro. Mas, se for a única vaga, que o prejuízo fique para ele e não

para mim, não importa se sou ou não um idoso! Essa cultura determina muito do comportamento de cada indivíduo”, complementa.

Vicente argumenta para a necessidade de desenvolvermos também valores de superações capazes de nos permitir ser éticos. “E isso, mesmo quando temos que abrir mão de alguns benefícios que trarão vantagens diretas primeiro para as outras pessoas, valorizando suas ações em prol do outro”, menciona. Na análise sobre a conduta, o psicólogo finaliza para o tripé da questão: “É preciso ter cuidado, compaixão e compromisso consigo, com as outras pessoas e com o nosso ambiente”.

JEITINHO NOSSO DE CADA DIA

Na história...

Historiadores contam que a fama do “jeitinho brasileiro” surgiu em 1946, quando Peter Kellemen veio morar em terras tupiniquins. O médico húngaro se surpreendeu quando o cônsul José de Magalhães e Albuquerque resolveu colocar em seus documentos que ele era agrônomo. Mudar a profissão foi uma técnica para facilitar o visto do estrangeiro.



Porém, há versões mais favoráveis. Na Segunda Guerra Mundial (1939-1945), a Força Expedicionária Brasileira (FEB) estava na Itália, na cordilheira dos Apeninos, junto com os soldados americanos. Todos sofriam com o frio, contudo, ocorriam mais baixas entre os americanos. Motivo: os brasileiros usaram o “jeitinho” e furraram as botas com folhas de jornal.



‘Homem cordial’ Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982), em sua obra “Raízes do Brasil”, já criticava os vícios que o “jeitinho brasileiro” produz sobre o comportamento diário das pessoas, ao criar um tipo social que ele denominou “homem cordial”. Segundo Holanda, há no brasileiro grande dificuldade de cumprir normas sociais estabelecidas, uma vez que não é sujeito de suas próprias ações e por delegar ao “senhor” e ao político a função de escolher por si.



E quando vira deslize...

O “jeitinho” convive em uma linha tênue com a pequena corrupção. Exemplos: falsificar carteirinha de estudante, roubar TV a cabo, bater ponto do colega de trabalho, colar na prova, furar fila, parar em vaga preferencial, apresentar atestado médico falso, entre outros.

No imaginário

Diversas personalidades do imaginário popular brasileiro carregam o “jeitinho”. Um dos mais marcantes da literatura e do cinema é João Grilo, personagem criado por Ariano Suassuna em “O Auto da Compadecida”.

